
REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 28 No. 1 2015

ARTIGO

ANÁLISES CERÂMICAS NA ARQUEOLOGIA AMAZÔNICA: CONTRIBUIÇÕES DA AMAZÔNIA CENTRAL A UMA LONGA TRAJETÓRIA DE DISCUSSÕES

Helena Pinto Lima*

RESUMO

Classificação das cerâmicas arqueológicas foi tema bastante debatido entre arqueólogos que trabalharam na Amazônia nas décadas de 1950-70 e evidenciou divergências entre as hipóteses de ocupação da região. As diferentes interpretações dadas a este vestígio partiam de parâmetros classificatórios distintos. Este artigo apresenta as discussões sobre métodos de tratamento da cerâmica arqueológica na Amazônia, contextualizando as abordagens histórica e teoricamente. Num segundo momento expõe a metodologia de análise cerâmica utilizada para interpretar as sequências crono-estratigráficas dos contextos arqueológicos da Amazônia central e adjacências. Para tal, lança mão da análise e tipologia produzidas para o sítio arqueológico Jacuruxi, município de Manacapuru/AM, que desafiam os parâmetros interpretativos adotados e apontam para a necessidade de uma abordagem contextual abrangente.

Palavras-chave: Arqueologia amazônica, análise cerâmica, classificação.

ABSTRACT

Classification of archaeological ceramics was a frequently debated subject among archaeologists working in the Amazon during the decades of 1950-70 and reflects competing hypotheses of occupation of the region. The different interpretations of the archaeological remains derived from distinct classificatory parameters. This article provides an overview of the discussions about the methods of ceramic analysis in the Amazon, contextualizing such historical and theoretical approaches. It also aims to present the methodology that has been used to interpret the chronological and stratigraphic sequences of archaeological contexts in the central Amazon and adjacencies. To illustrate this, we present the typological data from Jacuruxi site, Manacapuru/AM, which challenges the interpretative parameters adopted and point to the necessity of an open contextual approach.

Key words: Amazonian archaeology, ceramic analysis, classification.

* Museu Paraense Emilio Goeldi.

E-mail: helenalima@museu-goeldi.br

INTRODUÇÃO

“Classification, like statistics, is not an end in itself but a technique by means of which to attain specified objectives, and so it must be varied with the objective”
(Rouse 1960: 313)

Há quem diga que nosso entendimento de mundo é fruto de nossas classificações. Se pensada dessa forma, classificação é muito mais um processo cognitivo do que simples parâmetro de análise. Aqui, as classificações serão abordadas somente no que diz respeito à segunda opção, ou seja, refere-se à distribuição [de objetos, no caso] em classes. Discutidas no âmbito da arqueologia, a intenção é lançar um olhar sobre os objetos com um fim específico: o de construir uma história cultural.

A disciplina arqueológica tem, ao longo de seu desenvolvimento, se aparelhado – teórica, metodológica e tecnicamente – para lidar em maior profundidade com os aspectos concretos, tangíveis, da produção humana (LIMA, 2011). Neste sentido, a descrição e, particularmente, as classificações da cultura material, despertaram o interesse de muitos arqueólogos desde sempre.

As cerâmicas pré-coloniais da Amazônia impressionam, não apenas por sua rara beleza, mas também pela enorme variabilidade e quantidade em que são encontradas no registro arqueológico. Isto as levou a deterem certo privilégio em detrimento de outros componentes do registro, durante muitos anos da arqueologia amazônica. Este privilégio historicamente dado às cerâmicas se deu por uma opção analítica que se refere ao contexto em que as pesquisas na Amazônia se desenvolveram até meados do século passado.

Se outrora a predileção pela cerâmica fosse quase unânime, hoje em dia a arqueologia parece caminhar para outros rumos. Há pelo menos vinte anos as pesquisas na Amazônia têm valorizado a diversidade e multiplicidade do objeto arqueológico, reflexo de uma abrangência e ecletismo teóricos não vistos anteriormente. Este novo alcance das pesquisas (e dos dados) arqueológicos pode ser visto nas evidências de monumentalidade, com sítios com geoglifos, megalitos, valas e estradas reveladas por pesquisas na Amazônia ameríndia (HECKENBERGER, 2005; CABRAL & SALDANHA, 2008; SCHAAN *et al.*, 2010), bem como na construção e apropriação das paisagens e na complexidade das técnicas de manejo da floresta tropical, estes últimos alinhados, por exemplo, aos paradigmas da ecologia histórica (BALÉE, 1994; BALÉE & ERICKSON, 2006).

Outro exemplo, que será tangenciado neste artigo, é o estudo das terras pretas antrópicas (Terras Pretas de Índio), ponderadas enquanto *ecofatos*, ou seja, resultantes de ações levadas a cabo por povos no passado, colocando-se como mais uma fonte de informações a ser conjugada a uma variada gama de dados, a fim de se entender modos de vida pretéritos (ARROYO-KALIN, 2012; NEVES *et al.*, 2003; PETERSEN *et al.*, 2001; WOODS & MCCANN, 1999; SCHMIDT, 2010; SCHMIDT *et al.*, 2014).

Com isso, as análises cerâmicas, tão visadas e debatidas no passado, perderam sua exclusividade nas interpretações arqueológicas, assumindo um

novo status em tais discussões, onde elas se inserem em um repertório diversificado de fontes de informações, que levam essas análises a adotar um caráter necessariamente mais contextual e relacional. Neste sentido, este artigo logra salientar esta potencialidade das cerâmicas como fontes de informações sobre processos de continuidade e de mudança cultural, lembrando que seu potencial informativo torna-se maior quando contrastado com outras linhas de evidência (SCHAAN, 2007: 87).

Este texto lança mão de um panorama histórico dos métodos de tratamento do vestígio cerâmico na Amazônia, no qual diferentes abordagens são contextualizadas histórica e teoricamente, para, a partir de tal contextualização, tecer considerações sobre a análise e interpretação desta categoria de vestígios arqueológicos, pensando em como as análises com enfoque nos sistemas tecnológicos associados a outros elementos contextuais podem ser fontes de informação histórica e cultural, ao passo em que nossas próprias classificações e interpretações podem ser desafiadas pelos dados produzidos por essas análises.

Neste sentido, a metodologia de análise que tem sido utilizada e adaptada por diferentes estudos nos contextos da Amazônia central e também em áreas adjacentes, será brevemente apresentada (LIMA, 2008, 2013; MORAES, 2007, 2013; COSTA, 2012; TAMANAHA, 2012; LIMA, 2014; entre outros). Embora não fuja às categorias analíticas tradicionalmente utilizadas em análises cerâmicas, incluindo-se aí a ideia de formação de tipos, ou tipo-variedade, esta metodologia – e suas variações – tem se mostrado eficiente para dar conta de uma organização da variada base empírica disponível para a região. De outro lado, a discussão metodológica e a potencialidade interpretativa de tal abordagem serão apresentadas a partir dos dados de um sítio arqueológico particular, o Jacuruxi, localizado no município Manacapuru/AM e pesquisado no âmbito do Projeto Amazônia central (PAC) e do Gasoduto Coari Manaus¹:

Este sítio que possui relevância para o entendimento da cronologia de ocupação da região, tratando-se de um raro contexto, na Amazônia central, de associação entre terras pretas e ocupações ceramistas antigas. Como veremos adiante, justamente esta não-associação foi tida por nós em trabalhos anteriores como elemento de distinção entre duas fases arqueológicas locais (LIMA *et al.*, 2006; LIMA, 2008). A tipologia deste sítio se situa no limiar da definição dessas duas fases (LIMA, 2008), suscitando questões sobre a potencialidade das análises tecnológicas associadas ao contexto para as definições das tipologias e, principalmente, para as interpretações sobre o passado.

ANÁLISES CERÂMICAS NA AMAZÔNIA: ANTECEDENTES HISTÓRICOS

Problemas relacionados à classificação cerâmica têm longa data no debate arqueológico. Uma das primeiras tentativas de ordenar a cultura material pré-colonial sul-americana data da primeira metade do século XX, e baseou-se na busca de relações espaciais e temporais entre artefatos. As cerâmicas, nesse momento, eram classificadas através das noções de *traço, estilo e complexo*. Por traço entendia-se o componente mínimo na comparação dos artefatos; estilo era

¹ Ambos vinculados ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE/USP), sob a coordenação de E. Neves.

uma agregação recorrente de traços e, por fim, a categoria mais abrangente era o complexo, entendida como um agrupamento de estilos (OSGOOD & HOWARD, 1943). Apesar da aparente clareza nessas definições, sua aplicação era por vezes confusa, sendo os conceitos de estilo e complexo sobrepostos em muitos casos (RAYMOND, 1995: 225).

De fato, análises e classificações cerâmicas se tornaram um assunto por demais debatido entre arqueólogos que trabalharam na Amazônia, bem como nos demais contextos tropicais sul-americanos, em especial entre as décadas de 50-70. Isto porque as hipóteses de ocupação da região divergiam em vários aspectos, assim como as interpretações dadas ao vestígio material, que por sua vez partiam de parâmetros classificatórios também distintos. O estabelecimento de formas sistemáticas de classificação da cultura material tornava-se imperativo para que se pudessem embasar tais modelos. Dessa maneira, métodos analíticos específicos passaram a ser utilizados por diferentes pesquisadores a fim de tornar possíveis inferências a respeito da história cultural a ser interpretada através dos contextos arqueológicos.

Nesse contexto, duas vertentes metodológicas são notáveis dentro da arqueologia amazônica. A primeira delas, vinculada a Meggers e seus seguidores, teve enorme influência não apenas na Amazônia, mas em todo o Brasil. A outra não teve tanta expressão dentro das pesquisas desenvolvidas no âmbito nacional, mas teve relevância no contexto arqueológico das terras baixas tropicais.

A enorme variabilidade encontrada no registro arqueológico representaria um problema para o estabelecimento de um sistema universal de classificação. Buscando resolver tais questões, Meggers e Evans procuraram métodos classificatórios que dessem conta de tamanha variabilidade em termos espaciais e temporais. Nesse sentido, os métodos de classificação evolutiva das espécies utilizados nas ciências biológicas apresentavam-se aplicáveis também à cultura material. Assim, com vistas a classificar materiais cerâmicos e líticos em categorias significativas de abrangência crono-espacial, obteve-se o método então desenvolvido, a *seriação*, formulada a partir de uma adaptação do método de quantificação criado por James Ford em 1945, associada a conceitos biológicos, tais como a taxonomia (a classificação evolutiva das espécies) e ao conceito de população (MEGGERS & EVANS, 1970: 3).

Esta perspectiva tem como foco o padrão de mudança, que segundo os autores, ocorreria da mesma forma tanto em fenômenos orgânicos quanto nos culturais. As recorrências surgiriam, aumentariam em frequência para, então, desaparecerem e darem origem a outras novas (Simpson, *apud.* MEGGERS & EVANS, 1970: 114). Seguindo este parâmetro, a construção de escalas de tempo relativas era feita a partir da observação dos padrões de mudança de popularidade dos tipos cerâmicos, possibilitando estabelecer relações com quaisquer sítios que apresentassem tipos semelhantes (*idem*: 9). Seus procedimentos analíticos foram detalhados em diversas publicações, entre as quais “*Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual para Arqueólogos de autoria de Meggers e Evans*” (1970).

A premissa deste método de seriação, emprestado de classificações taxonômicas, se encarrega de estabelecer padrões de mudanças materiais calcados em princípios evolutivos (FORD, 1954, 1962), o que se enquadra bem nos paradigmas ambientais que permearam as hipóteses então vigentes sobre a ocupação da Amazônia (MEGGERS, 1948, 1954, 1990; MEGGERS & EVANS, 1970).

Pressuposto metodológico básico da seriação era a amostragem: esta deveria ser aleatória (não selecionada), e representaria a variabilidade total da coleção (MEGGERS & EVANS, 1970: 12-13). As unidades passíveis de serem classificadas na seriação eram os fragmentos e não o vasilhame completo (*idem*: 25). A primeira divisão, em qualquer amostra, era feita entre fragmentos cerâmicos decorados e não decorados. Para cada uma dessas categorias um procedimento analítico distinto era utilizado, visando o estabelecimento de tipos. Também este conceito de *tipo* foi inicialmente estabelecido por Ford, que os entendia como agregados de atributos, neste caso, cerâmicos, com significado histórico demonstrável em termos de padrões comportamentais (FORD, 1954; WILLEY & PHILLIPS, 1958), sendo assim capazes de revelar mudança sistemática através do tempo (MEGGERS & EVANS, 1970: 22). Uma vez definidos os tipos, observava-se sua frequência ao longo de um vetor temporal, que podia crescer ou decrescer em popularidade de maneira regular e identificável, estabelecendo, assim, as cronologias relativas.

A sequência seriada, formada a partir da construção desses diagramas de frequências dos tipos, indicaria relações cronológicas entre diferentes sítios. Pretendia-se assim estabelecer “cronologias naturais” através da seriação cerâmica para grandes regiões (*idem*: 74-75).

O método de seriação pautava-se em escalas de contiguidade temporal, espacial e formal. No entanto, essas escalas não eram determinadas de maneira objetiva, abarcando valores diferentes em cada caso específico (DUNNELL, 1986: 173). A necessidade de tornar tais categorias analíticas comparáveis levou ao estabelecimento de critérios hierárquicos de diferenciação que levassem em conta a variação tempo-espaco-forma. Estabelecia-se assim o sistema de *tipo-variedade*, uma classificação hierárquica de *tipos* em relação a variações temporais, espaciais e formais. Os dados gerados eram sistematizados através dos conceitos de fase e tradição, que por sua vez foram adaptados das discussões de Willey & Phillips (1958).

Os chamados *Horizontes, Tradições e Fases* arqueológicas marcam a literatura arqueológica brasileira até o presente, e a importância de tais categorias analíticas se deve ao mapeamento arqueológico de grande parte do território brasileiro, possibilitando em muitos casos comparações inter-regionais. A questão assumiu certa importância em âmbito nacional devido à grande padronização metodológica oriunda, em parte, da enorme influência que o PRONAPA teve no Brasil. A metodologia implementada por este programa visava uniformizar o sistema de classificação arqueológica no Brasil e em outros países da América do Sul. A resultante unificação terminológica possibilitou a comparação do registro arqueológico de diferentes regiões, sustentando assim

diversos modelos de ocupação, não apenas da Amazônia como também em todo o território nacional.

O principal contraponto metodológico a este método é a análise modal, bem como suas variações. Embora pouco difundido na arqueologia brasileira em geral, foi bastante aplicado na Amazônia e nas terras baixas (ROOSEVELT, 1991; SCHAAN, 2004; GOMES, 2002; BARRETO, 2009; entre outros). O método de análise modal foi desenvolvido entre as décadas de 30 e 40 por Irving Rouse, autor que dedicou grande parte de sua vida acadêmica a problemas de classificação de artefatos (ROUSE, 1955, 1960). Essa metodologia foi utilizada por autores como Donald Lathrap e Warren DeBoer no Peru e no Equador, respectivamente (DeBOER *et al.*, 1996; DeBOER & LATHRAP, 1979).

Também chamada de análise componencial, foi desenvolvida segundo princípios de classificação estrutural da linguística descritiva e da etnologia. Ambas as disciplinas lidam com comunidades de indivíduos que compartilham dos mesmos hábitos e se comunicam numa única língua, e sua análise consiste na observação de conjuntos de regras culturais. O mesmo se daria na arqueologia. A utilização desse método no contexto arqueológico buscava identificar grupos que compartilhassem ideias e regras a respeito da produção e utilização da cultura material (RAYMOND, 1995: 227).

Desta forma, a análise modal procura abordar os potes cerâmicos através da apreensão de unidades mínimas de significado, denominadas *modos*, e de suas diferentes formas de interação. As regras que definem a estruturação das variáveis numa dada coleção de potes cerâmicos são criadas através de hipóteses êmicas. Tais hipóteses são construídas a partir da combinação recorrente entre atributos, indicando padronizações no conjunto, os *modos*, definidos como “qualquer padrão, conceito ou costume que regula o comportamento dos artesãos dentro de uma comunidade, que é transmitido de geração em geração, e que pode se difundir entre comunidades em distâncias consideráveis” (ROUSE, 1960: 313).

Diferente do princípio da seriação, em que os fragmentos cerâmicos são o próprio universo pesquisado, este tipo de análise entende os fragmentos como partes de vasos inteiros. Assim, a primeira tarefa analítica do pesquisador consistiria em inferir, tanto quanto possível, as características formais do vasilhame. Uma vez que a variabilidade formal é conhecida, determinam-se quais são variáveis significativas, ou definidoras das morfologias, os *modos*, utilizando-as para a comparação entre os diferentes vasos. Segundo esta metodologia, outros atributos da cerâmica, como a argila, o tempero e a queima, por exemplo, são variantes subordinadas aos modos de morfologia. Por fim, os motivos e as técnicas decorativas são analisados como um sistema estrutural separado da forma e do processo de fabricação do pote. Neste caso, a decoração é entendida como um conjunto de regras que estruturam a composição das unidades mínimas de sentido, formando os motivos e sua aplicação à forma do vaso. Portanto, assim como é necessário, ao menos em papel, construir vasos completos para a análise de suas formas, é necessário construir todos os parâmetros de seu *design* para que se entendam suas estruturas (RAYMOND, 1995: 229-230).

De tal abordagem derivaram perspectivas analíticas importantes adotadas até os dias atuais na Amazônia brasileira. Tais perspectivas incorporam, de um lado, o estudo das formas e dos aspectos funcionais às análises, ao passo em que uma análise estrutural dos estilos permite o reconhecimento de importantes aspectos do universo simbólico, social e estético das populações ceramistas antigas da Amazônia. Um trabalho de referência, e talvez inspirador dentro dessa linha tenha sido o de Roosevelt (1991), ao propor uma clara relação entre os padrões decorativos das cerâmicas marajoaras com a complexificação social dos grupos que as confeccionaram.

Seguem-se a este trabalho de Roosevelt estudos com foco nas técnicas decorativas e iconográficas, visando suas correlações com aspectos culturais, políticos, de gênero, e de hierarquização, entre os produtores dessas cerâmicas. Assim, alguns estudos voltados à iconografia de algumas culturas arqueológicas específicas, como Schaan (1997, 2004) para as próprias cerâmicas marajoaras e Gomes (2002, 2010) a cultura (ou estilo) Tapajônica. A arte cerâmica passava a ser vista, então, enquanto “fator de legitimação ideológica” a ser abordada a partir de análises estilísticas do ponto de vista da sua agência (BARRETO, 2005, 2009). Análises estas com a iconografia, especificamente correlacionada aos rituais funerários. Neste sentido, e mais próxima da etnoarqueologia e talvez de uma antropologia da arte, a cerâmica, enquanto linguagem simbólica, pode informar sobre dinâmicas históricas, sociais e ideológicas dessas antigas sociedades Amazônicas (BARRETO, 2005:7).

Abordagens mais aproximadas com a antropologia ou com a etnoarqueologia têm ganhado atenção de arqueólogos trabalhando com cerâmicas amazônicas, a exemplo dos estudos dos sistemas tecnológicos ligados à essa produção entre os povos Asuriní do Xingu (SILVA, 2000) ou do registro da produção cerâmica dos Palikur na Guiana Francesa, que aponta os motivos decorativos enquanto elemento de etnicidade em um povo de tradição multiétnica (VAN DEN BEL, 2009:54). Por outro viés, os estudos tecnológicos e funcionais em cerâmicas de sítios contemporâneos com obras de terras nos Llanos de Mojos (com montículos, canais, zanjas) têm ajudando a entender melhor as funções e significados de tais estruturas (JAIMES BETANCOURT, 2012).

Barreto (2013) chama atenção dos arqueólogos para os papéis multifacetados que os objetos cerâmicos amazônicos podem possuir. Desde marcadores territoriais, tecnologias de rituais, monumentos fractais, sínteses do conhecimento, meios de comunicação e fluxo de informação para a construção de redes, etc. Em suma, como ferramentas ideológicas para reafirmar diversas ontologias culturais que encontramos na Amazônia até hoje (BARRETO, 2013:12).

Enfim, estes e outros trabalhos recentes desenvolvidos em várias partes da Amazônia não deixam dúvidas de que o campo das análises cerâmicas, assim como de outras áreas da práxis arqueológica, tem passado por importantes avanços teóricos e metodológicos nos últimos vinte anos. Aqui queremos ressaltar que, do panorama histórico brevemente apresentado depreende-se que os conjuntos artefatuais (as classificações das cerâmicas, no caso) foram

definidos dentro de conceitos classificatórios específicos. Esses conceitos representam as bases para a construção de histórias culturais e se comportam como alicerces empíricos que sustentaram as tradicionais hipóteses de ocupação da Amazônia.

SOBRE A INTERPRETAÇÃO DOS SISTEMAS TECNOLÓGICOS E MUDANÇA CULTURAL

Os estudos sobre os sistemas tecnológicos se dividem em duas principais vertentes. Por um lado, a chamada visão tradicional de tecnologia utilizou conceitos explanatórios, tais como evolução e determinismo tecnológico, entendendo a tecnologia em última instância, como índice de adaptabilidade. Por outro lado, uma abordagem mais recente tem procurado explicações que levem em conta a dimensão simbólica, percebendo o fenômeno tecnológico como uma construção social, e criticando com severidade as tipologias historicamente definidas para diversas regiões do Brasil (DIAS, 2003, 2007; DIAS & SILVA, 2001; MACHADO, 2005-2006; SCHAAN, 2004, 2007; SILVA, 2000). Tais críticas pautavam-se mais na forma como essas tipologias foram utilizadas, do que em como foram originalmente concebidas. Dentro desta perspectiva, o uso de certos conceitos classificatórios, na arqueologia brasileira, teria se tornado o fim último das pesquisas arqueológicas, e não um meio para a reconstrução histórica, esvaziando estes conceitos de seus significados culturais.

Tais críticas são feitas no sentido de que *“muitos arqueólogos ainda estão à busca de uma receita de bolo que os permita estudar a cerâmica sem as deficiências ou o “mal-estar” trazido pelo modelo antigo”* (SCHAAN, 2007: 87). Ou seja, desde os tão criticados trabalhos, em especial aquelas seriações desenvolvidas pelo PRONAPA, a arqueologia vinha tentando, sem muito êxito, superar questões classificatórias. Mais do que isso, essas considerações se colocam frente à própria falta de crítica da arqueologia brasileira pós-PRONAPA. Desde outros pontos de vista, pode existir uma conciliação entre essas visões, ditas opostas, através, por exemplo, da combinação da metodologia ecológica tradicional com paradigmas pós-processuais, entendendo a tecnologia uma construção cultural ao invés de uma *“força natural”* (LONEY, 2000: 647).

O foco neste caso volta-se ao entendimento da dinâmica comportamental subjacente aos sistemas tecnológicos, já que estes são o resultado de ações – escolhas – levadas a cabo pelo artesão durante todo o processo de produção uso, reuso e descarte dos artefatos. Entende-se como escolha *“apenas aquelas que para cada atividade (ou sequência de atividades) havia alternativas, enumeradas pelo investigador moderno, que não foram escolhidas”* (SCHIFFER & SKIBO, 1997). Estas podem resultar de diferentes fatores, tanto de ordem prática como simbólica.

Embora estas perspectivas teóricas tenham surgido como reações ao excesso de empirismo classificatório dos métodos histórico-culturais, num primeiro momento as escolhas tecnológicas foram pensadas por meio de um viés fortemente adaptativista, relacionado com as limitações e possibilidades do meio a que as populações estavam inseridas e de suas demandas socioeconômicas (DIAS, 2007: 63). Este movimento, que se deu nos países de língua inglesa na década de 60 (a Nova Arqueologia), tinha como base a

premissa de que o comportamento humano apresentaria uma grande padronização em relação às características formais e à espacialidade dos objetos por eles materializados. Estes comportamentos seriam, portanto, refletidos no registro arqueológico e passíveis de interpretação através de metodologias apropriadas (TRIGGER, 1989: 296). Dentro desta abordagem mais processualista (p.ex. BINFORD, 1983), a tecnologia seria essencialmente pragmática, valorizando fatores adaptativos tais como quantidade, qualidade e distância das fontes de matérias primas. Segundo essa perspectiva, as escolhas seriam orientadas a partir de uma equação de custo-benefício.

A partir da década de 80, alguns autores começaram a sugerir outras posturas para as análises tecnológicas. Absorvendo as contribuições e, especialmente, apontando críticas com relação à arqueologia processual, uma nova leva de arqueólogos se dedicou a pensar sobre “*a compreensão da natureza da variabilidade tecnológica e qual a sua relação com o registro arqueológico*” (DIAS, 2007: 64). Autores como Bleed (2001), Chilton (1998), Schiffer & Skibo (1997) passavam a pautar as explicações dadas às escolhas nos mais variados fatores, uma vez que sistemas tecnológicos são dinâmicos assim como os sistemas culturais. Entre estes fatores, estão os próprios limites do instrumento e a eficiência das características de performance. Esses autores acabaram por se aproximar do pensamento arqueológico desenvolvido então na França, à parte das reviravoltas teóricas dos países de língua inglesa, e que buscava explorar relações entre cognição e escolhas tecnológicas.

Sucessões dessas escolhas técnicas, desde a procura, seleção e preparo da matéria prima, técnicas de manufatura empregadas, acabamento de superfície e a decoração, geram o que foi definido inicialmente por Leroi-Gourhan e reavaliado por Lemonnier como *cadeia operatória*, ou seja, a sequência de operações para a realização da transformação da matéria em artefato (LEMONNIER, 1986). Esta interpretação mais abrangente dos sistemas tecnológicos como parte dos sistemas culturais pode ser atribuída também à herança da escola francesa deixada aos antropólogos por Marcel Mauss, que entendia tecnologia como uma construção social, o corpo humano como meio técnico e o objeto como gesto técnico: “*O corpo é o primeiro e o mais natural instrumento do homem (...) e ao mesmo tempo meio técnico. (...) Antes das técnicas de instrumentos, há o conjunto das técnicas do corpo*” (MAUSS, 2003 [1935]: 407). Vista desde uma perspectiva mais ampla, o estudo da tecnologia envolve todos os aspectos do processo de ação sobre a matéria, “*whether scratching one’s nose, planting sweet potatoes, or making jumbo jets*” (LEMONNIER, 1992: 1).

As sequências de ações, ou “o jeito de fazer”, e suas consequentes escolhas, específicas de cada indivíduo e cultura, definem uma tradição ou sistema tecnológico. Cabe, assim, ao pesquisador entender essa organização tecnológica (HEGMON, 1992) para que possa atingir o plano determinante das escolhas. Os mecanismos envolvidos no estabelecimento, manutenção ou mudança das tradições tecnológicas são variados e dinâmicos, tal qual a cultura. Eles podem ser de ordem cognitiva, evolutiva, sociológica, ou prática - ambiental. Uma mudança pode também estar associada a uma simples invenção. O que se deve entender, no entanto, são os mecanismos envolvidos na permanência – ou

adoção – de um novo elemento em uma cultura: como e por que uma invenção se mantém (é adotada), tornando-se uma inovação; mudança resultante de processos históricos e que, portanto, deve ser "*entendida num nível histórico e contextual*" (LONEY, 2000: 647).

Outro elemento relacionado à mudança cultural é a estrutura de ensino-aprendizagem, "*o homem se distingue fundamentalmente dos animais por estas duas coisas: pela transmissão de suas técnicas e provavelmente pela sua transmissão oral.*" (MAUSS, 2003 [1935]: 407). Esta relação é importante, implícita ou explicitamente para a "*socialização, mudança cultural e, num nível mais amplo, para a produção e reprodução da cultura e da sociedade*" (PELISSIER, 1991: 75). No que se refere a mudanças de longa duração, Schiffer sugere que estão a rigor relacionadas à competição, e que são discerníveis no registro arqueológico (2001: 215).

Assim, a arqueologia tem buscado meios de identificar tais mudanças no registro arqueológico. As classificações podem trazer importantes informações neste sentido, e tornam-se mais abrangentes quando a observação dos vestígios se dá em associação com outros elementos que não apenas o conjunto artefactual, tais como o contexto e a tecnologia, de modo relacional.

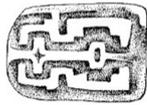
ANÁLISES CERÂMICAS EMPREENDIDAS NA AMAZÔNIA CENTRAL: OS PROCEDIMENTOS ADOTADOS

Com base no panorama histórico e nas discussões apresentadas, bem como nos problemas de pesquisa próprios à interpretação da história indígena da Amazônia central, procurou-se uma metodologia que fosse aplicável aos milhares de fragmentos cerâmicos disponíveis, e que esclarecesse as questões colocadas acerca do entendimento de uma suposta padronização, bem como da variabilidade interna dos conjuntos tratados.

A sequência cronológica inicialmente proposta para a região era composta por quatro fases cerâmicas distintas, sendo as duas mais antigas, Manacapuru e Paredão, ligadas à tradição Borda Incisa, e as mais recentes, Guarita (vinculada à Tradição Polícroma da Amazônia) e Itacoatiara, que mesmo sem datações disponíveis, foi vinculada à Tradição Incisa e Ponteada (tabela 01) (HILBERT, 1968; MEGGERS & EVANS, 1961, 1983).

Tabela 1 - Quadro cronológico da Amazônia central proposto por Hilbert (1968).

Fase		Tradição	Datas 14C
	Manacapuru	Borda Incisa	425±58 DC
	Paredão	Borda Incisa	880±70; 870±70 DC



Guarita

Polícroma da Amazônia

1150±57 DC



Itacoatiara

Incisa e Ponteadada

Sem datas

As análises cerâmicas feitas na área de confluência entre os rios Negro e Solimões e levaram a formulação de uma nova hipótese sobre a cronologia de ocupação da área, quando se identificou uma fase cerâmica mais antiga, denominada Açutuba, com datas entre 300 A.C. e 360 D.C. (LIMA *et al.*, 2006). Esta surgiu como um refinamento dos estudos das cerâmicas Manacapuru², e foram datadas entre 600 e 1000 D.C. (LIMA, 2008). Também a fase Itacoatiara tem sido mais intensivamente estudada, mostrando-se claramente mais antiga do que anteriormente proposto (LIMA, 2013).

Na ocasião da pesquisa foram analisados 7.789 fragmentos (ou vasilhas) de cerâmicas provenientes de nove sítios arqueológicos localizados na área de confluência dos rios Negro e Solimões - Amazônia central (LIMA, 2008:258). Ainda no âmbito do mesmo estudo a metodologia foi extrapolada para duas áreas adjacentes, no baixo Amazonas (sítio Pocó, rio Nhamundá/PA) e médio Solimões (Nova Esperança, município de Coari/AM), somando-se mais 1.323 fragmentos/vasos analisados, então tratados em uma perspectiva comparativa regional, feita entre os sítios (*idem*: 324-330). Mais recentemente tem-se adotado esta mesma forma de análise, com variações, por um grupo de arqueólogos trabalhando em outras regiões da Amazônia como no médio Amazonas, municípios de Itacoatiara e Silves/AM (LIMA, 2013), médio Solimões, nos municípios de Coari (TAMANAHA, 2012) e Tefé (COSTA, 2012), médio Madeira, no município de Borba (MORAES, 2013), no baixo rio Negro (LIMA, M., 2014) entre outros.

A análise é fundamentalmente dividida em duas etapas, tais como brevemente descritas a seguir. Sua primeira etapa se concentra na “história de vida do artefato”, ou no seu processo de produção, uso, reuso e descarte. Neste sentido, aborda-se os artefatos enquanto expoentes de sistemas tecnológicos e estes, por sua vez, enquanto a expressão material de atividades culturais (LEMONNIER, 1992:2). Ela se refere, portanto, à caracterização do sistema tecnológico (com foco na cadeia operatória), na qual os diferentes passos do processo de produção cerâmica foram agregados em categorias de atributos. Estes são observados na superfície dos fragmentos, a partir de uma ficha contendo a seguinte estrutura geral de categorias: proveniência (sítio, unidade, profundidade); informações métricas (comprimento, espessura); pasta (antiplástico, técnica de manufatura, tratamento e cor da superfície); morfologia;

² Para maiores detalhes sobre a problemática ligada à cronologia das ocupações ceramistas antigas da Amazônia central, ver: LIMA *et al.*, 2006; LIMA, 2008; LIMA & NEVES, 2011; NEVES, 2012.

decoração; e marcas de uso. Todas essas as informações observadas em cada objeto ou fragmento, foram registradas numa planilha do aplicativo Microsoft Office Excel.

A finalidade dessa ficha é possibilitar uma análise estatística descritiva (frequências de atributos e, eventualmente, associações entre eles). Desta forma, procura-se observar variações consistentes na cerâmica que possam conter significados cronológicos ou culturais. Na observação dos atributos, tanto fragmentos quanto vasos inteiros ou parcialmente remontados são tratados segundo os mesmos parâmetros.

Vale lembrar que dentro do universo de peças trabalhadas, em geral a presença de vasos inteiros (ou parcialmente remontados) é muito pequena: as coleções analisadas são compostas, na grande maioria, por milhares e milhares de fragmentos com tamanhos diferenciados. Sendo assim, a ficha e os princípios da análise se basearam na estrutura do pote para que fosse possível compilar, numa mesma ficha, atributos que dizem respeito a partes específicas dos objetos: as informações referentes a cada uma das categorias gerais de fragmentos (bordas, bases, paredes, etc) foram consideradas *a priori*, sendo que as informações de cada fragmento, gerais e específicas, referentes a cada uma das categorias, foi a elas ancorado. Dentro desta sistemática, apesar de poucos, quando se trata de um objeto inteiro todas as demais informações se aplicarão. Nos outros casos, apenas as informações específicas a cada componente do vaso serão observadas, ficando os demais itens do gabarito em branco.

Ao final da aplicação sistemática da ficha e do tratamento dos dados parte-se para a segunda etapa da análise, na qual se empreende uma observação qualitativa dos objetos que apresentaram características distintivas. Estes vasos e fragmentos são separados do conjunto total, compondo uma coleção diagnóstica. Este segundo procedimento analítico se foca no estabelecimento de tipologias – calcadas não somente nos atributos físicos dos artefatos, mas também nas relações destas com outros elementos do contexto no qual se inserem. Em muitos casos esses elementos contextuais são externos ao próprio artefato, mas também orientam na separação dos conjuntos, como por exemplo, a associação ou não com as terras pretas, com montículos, feições ou outras estruturas arqueológicas. Tais itens, além de orientarem nas tipologias, são fundamentais para as interpretações acerca do conjunto artefactual estudado.

Essa análise qualitativa é como num exercício, talvez subjetivo, que consiste no estabelecimento das tipologias dentro dessas coleções diagnósticas, procurando agrupar objetos através de suas similaridades, que ao mesmo tempo os distinguem dos demais conjuntos. Nota-se que os elementos morfológicos possuem proeminência na diferenciação dos grupos, fato já observado por autores que focam suas análises em aspectos funcionais do vasilhame (SKIBO, 1992; GOMES, 2008). Embora tal abordagem se mostre bastante eficiente no estabelecimento de perfis tecnológicos em coleções, no caso aqui apresentado, as variáveis morfológicas são dificilmente associadas aos dados métricos, como por exemplo, de diâmetro e volume, dado o elevado índice de fragmentação encontrado em alguns contextos e a dificuldade de se incorrer em erros quando a reconstituição morfológica é feita a partir de coleções muito fragmentadas.

Em diferente escala, os elementos tecnológicos e decorativos também se mostram importantes agregadores e diferenciadores na definição dos agrupamentos. Seu comportamento interfere mais em relação às diferentes coleções, oriundas de diferentes sítios arqueológicos, do que em relação aos tipos. Um desdobramento da metodologia ora apresentada, com foco mais voltado aos fragmentos decorados e nos motivos representados pode ser encontrada em Moraes (2013).

Ainda assim, os critérios utilizados para definição dos tipos focam-se, fundamentalmente em uma classificação qualitativa segundo modos de forma, pasta e decoração. Quando possível, é feita também uma da contraposição desta aos dados quantitativos dos atributos observados em cada fragmento ou vaso, ajustados através da estatística descritiva. A combinação dos resultados dessas etapas aos elementos contextuais, incluindo matriz, profundidade, deposição e associações internas, gera, então, a tipologia. Mais do que estabelecer tipologias, os elementos contextuais são fundamentais para que as interpretações acerca dos conjuntos sejam significativas.

Para os tipos e fases cerâmicas da Amazônia central, definidos historicamente através da seriação (HILBERT, 1968), a análise apresentada tem uma importante diferença. Na chamada seriação por gênero, os fragmentos eram separados com base no antiplástico. Este método foi base para a construção das sequências cronológicas locais e de comparações inter-regionais. Aqui, a partir de uma tipologia (agrupamento por semelhança em termos de forma, pasta e decoração) usamos o conceito de fase a partir de sua concepção original: *“unidade arqueológica que possui traços suficientemente característicos para distingui-la de outras unidades (...) de uma localidade ou região cronologicamente limitada a intervalos de tempo relativamente breves”* (WILLEY & PHILLIPS, 1958: 22). A esta definição acrescentamos que, embora estanques como qualquer método classificatório, as unidades arqueológicas geradas refletem entidades sistêmicas, não sendo, portanto, estanques. Assim sendo, os limites estabelecidos por qualquer tipologia são necessariamente arbitrários e devem ser interpretados de maneira aberta.

A IMPORTÂNCIA DO CONTEXTO NAS ANÁLISES CERÂMICAS: CRONOLOGIA DA AMAZÔNIA CENTRAL A PARTIR SÍTIO JACURUXI

Questões sobre a cronologia da Amazônia central foram anteriormente esboçadas e encontram-se amplamente disponíveis na bibliografia. A definição das respectivas fases cerâmicas se deu sob os parâmetros acima descritos. Apresentaremos, agora, um estudo de caso particular em um sítio arqueológico da região que ilustra a aplicação da metodologia, e, mais do que isso, enfatiza a importância de se considerar o contexto nas definições tipológicas, tal como defendido no presente artigo.

Na ocasião do estabelecimento da fase Açutuba dentro da cronologia da Amazônia central – dada contextualmente e em oposição aos conjuntos Manacapuru da área de pesquisa – um dos elementos definidores desta fase mais antiga era a sua ocorrência em depósitos profundos, na base das sequências

crono-estratigráficas dos sítios arqueológicos, assim como a sua não associação aos solos antrópicos de TPI (LIMA *et al.* 2006).

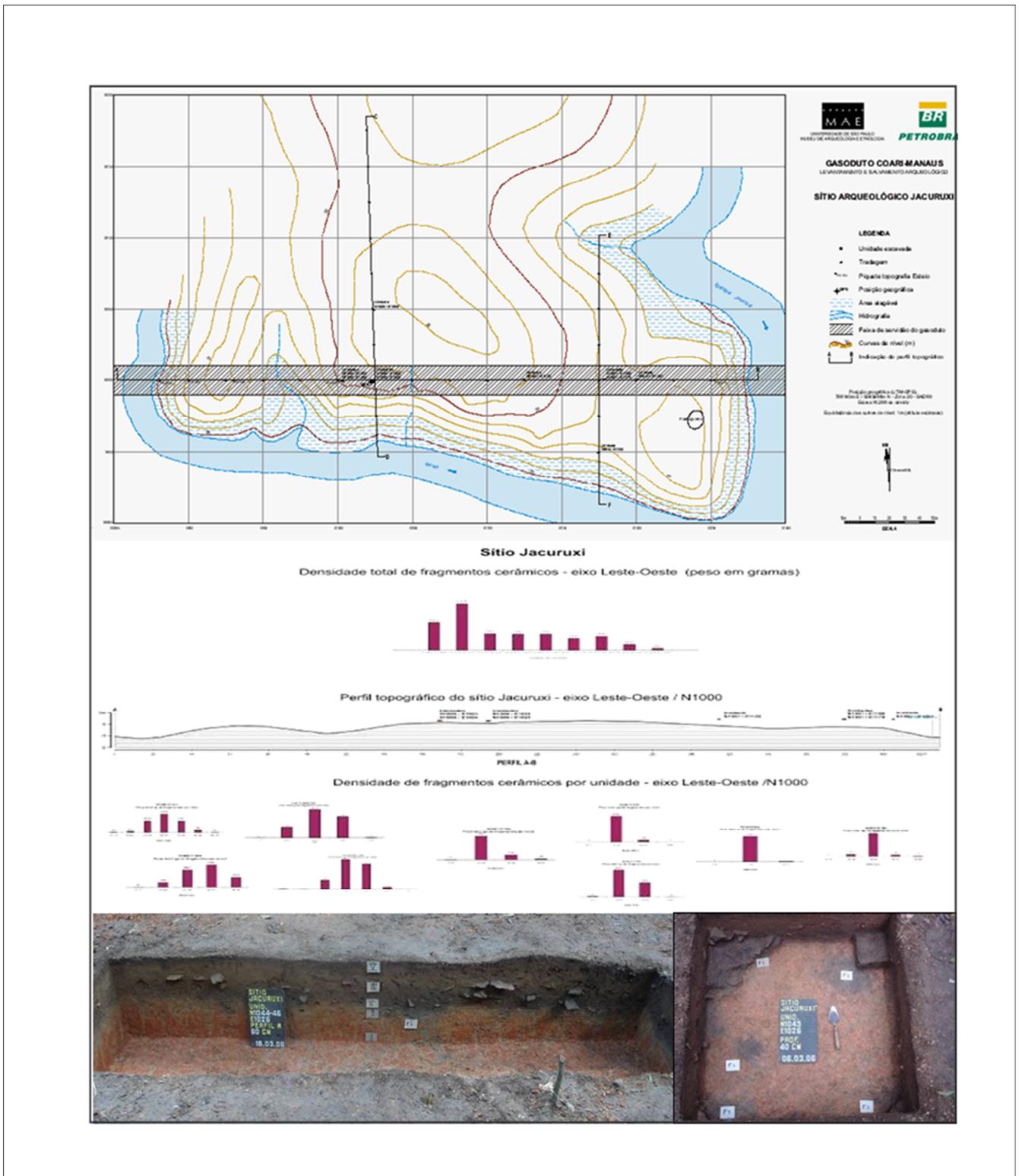
As associações estilísticas e contextuais permitem associar essas ocupações antigas da Amazônia central com complexos conhecidos em outras regiões, como Pocó no baixo Amazonas e Saladóide no rio Orinoco. Recentemente, Neves *et al.* (2014) propuseram que, devido ao padrão amplo de ocorrência e certas regularidades, essas ocupações fossem tratadas como uma tradição, denominada Pocó-Açutuba. Dentre essas regularidades se destacam a amplitude geográfica, a particularidade estilística, e a associação entre algumas dessas ocupações e o início da produção de terras pretas, dentro de um quadro de entronização da paisagem desenrolado na Amazônia durante o primeiro milênio DC. e AC.

O sítio arqueológico Jacuruxi, localizado na área de interflúvio entre os rios Negro e Solimões, no município de Manacapuru, veio mostrar que não podemos nos ater cega e normativamente às definições construídas por nós mesmos. O sítio, de aspecto unicomponencial, possui dimensões reduzidas (5,6ha) e um conjunto de cerâmicas que, embora aparentemente homogêneo, curiosamente apresenta características das duas fases, Açutuba e Manacapuru.

Logo que identificado, observou-se a pequena profundidade do pacote arqueológico, que não ultrapassava os 40 cm (figura 1). Assim, seria um caso único de cerâmicas (supostamente) Açutuba em contexto unicomponencial e tão próximos da superfície. Ao escavar o sítio, mais uma surpresa: tratava-se de um contexto de terra preta. Este era justamente mais um dos elementos contextuais que distinguia as fases Açutuba, mais antiga, e Manacapuru, mais recente. Esta última considerada um expoente de mudanças ou intensificação de um modo de vida que levara ao surgimento das TPI's, entendidas como marcadores cronológicos e culturais (*idem*).

Os vestígios arqueológicos não são visíveis em superfície, pois Jacuruxi apresenta um pacote cultural discreto, com quinze a vinte centímetros de espessura, que ocorre abaixo de uma densa camada húmica, característica de áreas de floresta tropical. A vegetação que recobre a área do sítio é uma mata secundária muito antiga, com pelo menos cem anos de existência. Doze metros quadrados foram escavados neste sítio, que representam uma amostragem importante, dadas suas pequenas dimensões.

Figura 1 - Topografia e densidade total de fragmentos cerâmicos no sítio Jacuruxi.

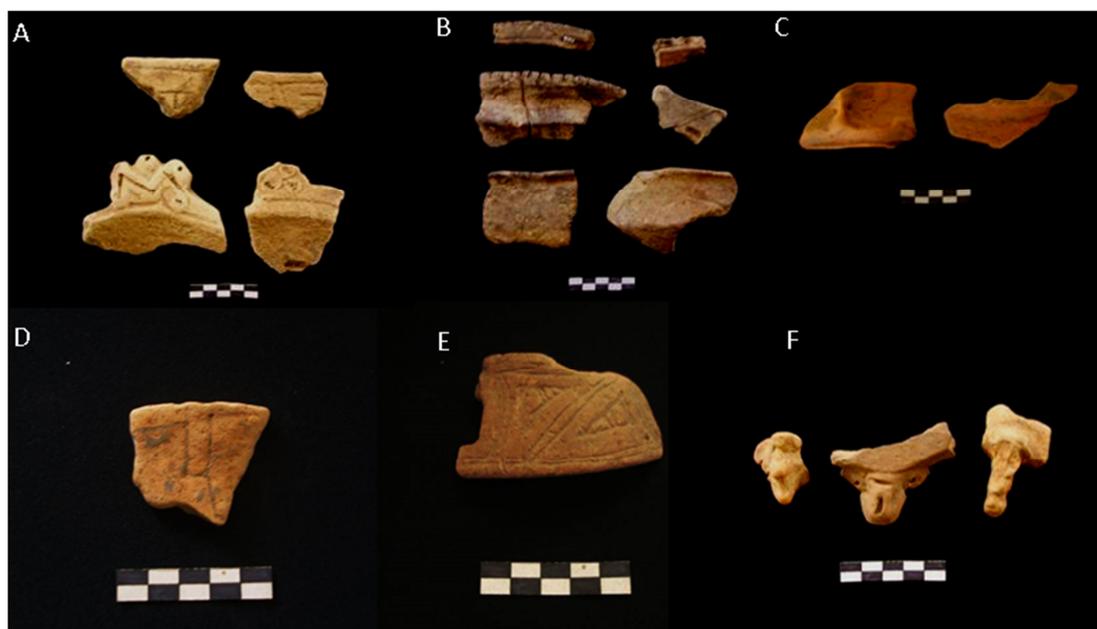


Um total de 9.096 fragmentos de cerâmica (86,437Kg) foi coletado em 12m²escavados no sítio. Todos aqueles com tamanho superior a 3 cm foram triados, numerados e registrados a partir da ficha, totalizando 3.139 fragmentos analisados, entre decorados e não decorados. A grande quantidade de fragmentos analisados permitiu uma boa caracterização tecnológica da coleção. Observou-se absoluta predominância de paredes em relação a outras partes do vaso, tais como bordas ou bases (LIMA, 2008: 233).

A análise inicial permitiu diagnosticar as principais características do conjunto. Um tanto homogêneas, as cerâmicas do Jacuruxi são marcadas por técnicas decorativas com ênfase nas incisões e modelagem de apêndices e apliques (figura 2). São sempre executadas nos lábios e bordas, ou na parede do vaso, mas sempre próximo à borda. As bordas são sempre salientadas de maneira a fornecer um suporte visível para a aplicação da decoração. As incisões em linhas finas simples ou duplas, assim como as incisões em linhas largas, formam motivos geométricos retilíneos ou curvilíneos e em gregas, sendo estas últimas em menor proporção. Ocorrem também acanalados, ponteados, apliques modelados, etc. A ocorrência de tais atributos permite vincular essas cerâmicas à Tradição Borda Incisa /Barrancóide da Amazônia (LIMA, 2008; LIMA & NEVES, 2011), embora a sua posição dentro desta tradição tecnologia tenha gerado alguns questionamentos.

Devido ao seu alto grau de desgaste e fragmentação, não foi possível identificar alguns elementos importantes como os acabamentos de superfície e os motivos decorativos, embora alguns fragmentos melhor preservados demonstrem esmero decorativo. Também as reconstituições morfológicas foram dificultadas pelo elevado índice de fragmentação, embora algumas formas já fossem conhecidas para cerâmicas similares, possibilitando associações. Este é um fator limitante desta coleção, comum em outros contextos da região, mas que não impossibilita o tratamento analítico e interpretativo.

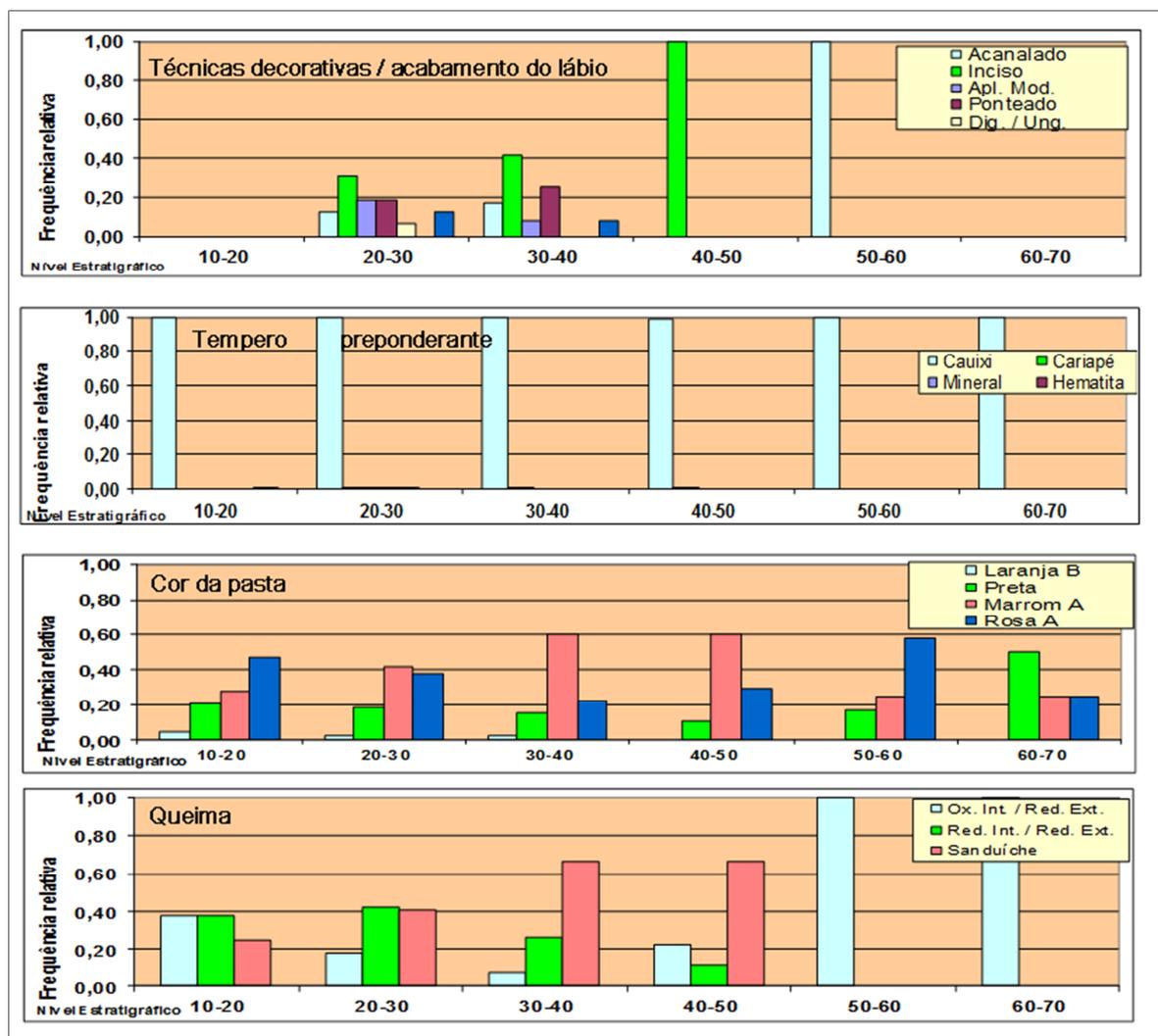
Figura 2 - Cerâmicas do Jacuruxi: aspectos gerais e diferentes tipos de pastas (fotos: Val Moraes e Helena Lima).



Os gráficos a seguir mostram as frequências relativas de alguns dos atributos observados, por nível, na coleção. Estes se concentraram nas características tecnológicas, mostradas individualmente, e ilustram como alguns aspectos tecnológicos podem ser mais ou menos diferenciadores de conjuntos internos, ao passo em que estes mesmos atributos são eficientes marcadores do perfil de uma coleção. Por exemplo, o uso preponderante do cauxi como antiplástico é distintivo das cerâmicas do Jacuruxi, embora não ajude na diferenciação interna dos conjuntos.

Por outro lado, as frequências individuais das técnicas decorativas apontam para uma diminuição do repertório técnico de acordo com a profundidade, além de uma concentração das incisões nos níveis superiores ao passo em que o uso do acanalado se torna preponderante no nível mais inferior. Sendo a presença de acanalados um item distintivo entre as duas fases (Açutuba e Manacapuru), este poderia ser um marcador estratigráfico importante. No entanto, como veremos adiante, a tipologia não nos permitiu visualizar outras diferenças estratigráficas com clareza.

Figura 3 - conjunto de gráficos indicando as frequências individuais de atributos observados nas cerâmicas do sítio Jacuruxi.



Ainda com base nos atributos tecnológicos, alguns agrupamentos tentativos foram realizados. Os mesmos foram feitos visualmente e prévios à separação dos fragmentos por tipos. Quanto à pasta, as cerâmicas se dividiram em dois grupos principais e um terceiro conjunto, mais discreto. As queimas não mostraram variação significativa, mas as variações de cor e textura permitiram a diferenciação. O primeiro, mais recorrente, apresenta uma coloração bege-amarronzada (descrita no gráfico como 'marrom A'). É leve e porosa, com grande quantidade de cauxi e minerais como quartzo e hematita em menor porcentagem. Estes minerais, presentes nos dois grupos, são inerentes às argilas, provavelmente deixados propositalmente, não adicionados à pasta quando de sua preparação (figura 2-A).

O segundo grupo também é temperado majoritariamente com cauxi. Sua coloração é mais escura do que o primeiro grupo, variando entre o laranja-acinzentado e o laranja-amarronzado (descrita como 'preta' no gráfico). De todo o conjunto analisado, suas pastas possuem o maior grau de dureza. Apresenta superfícies mais bem alisadas ou polidas, o que demonstra ser menos suscetível ao desgaste provocado pela ação do tempo. As características decorativas deste conjunto remontam às cerâmicas mais recentes, da fase Manacapuru, com presença marcante de incisões finas e ponteados nos lábios (figura 2-B).

Finalmente o terceiro conjunto é composto por cerâmicas com coloração forte, de tonalidades variando do alaranjado ao róseo ('rosa A'). Dos três grupos é o que apresenta a pasta mais leve e porosa. O tempero é semelhante ao primeiro conjunto, mas com quantidades extremas de cauxi. Por suas características, as cerâmicas do terceiro grupo apresentaram um grau de erosão muito alto na sua superfície, sendo difícil diagnosticar seus elementos decorativos. Observam-se apenas vestígios de modelagem (figura 2-C).

Esta diferenciação de pastas é um dos elementos que distingue cerâmicas das fases Açutuba e Manacapuru (LIMA *et al.*, 2006), e pode significar duas coisas, que têm consequências diretas para a interpretação do sítio arqueológico e sua inserção no quadro cronológico. A primeira hipótese interpretativa entenderia tais diferenças como, de fato, dois conjuntos cronologicamente distintos. Desta maneira, Jacuruxi teria sido habitado e possivelmente re-habitado durante alguns séculos. A segunda hipótese sugere que o material encontrado no sítio seja um expoente de mudanças culturais, que estariam em curso durante os primeiros séculos da Era Cristã. Desta feita, seria o caso de uma convivência de distintas fases cerâmicas num mesmo tempo e num mesmo espaço. Para avançar na compreensão acerca do significado da variabilidade encontrada nos materiais do sítio Jacuruxi, partimos para a tipologia e sua associação com os dados contextuais.

Assim, feita a primeira etapa da análise, os fragmentos diagnósticos foram selecionados para composição dos tipos. A formação e descrição dos tipos demonstraram que os conjuntos se aproximavam mais da fase Manacapuru do que da fase Açutuba, embora apresentassem alguns elementos comuns a esta última. A tipologia resultou em 14 conjuntos, dos quais onze têm afinidades com a fase Manacapuru e (pelo menos) seis podem ter afinidades com a fase Açutuba (figura 4). Mesmo que grande parte dos tipos seja compartilhada pelas diferentes

fases cerâmicas, três deles (vasilhas com flanges mesiais, tampas ou banquetas com boca irregular e gamelas poligonais) são considerados diagnósticos dos conjuntos Açutuba, e até então não associados com a fase Manacapuru.

Figura 4 - Tipologia definida para o sítio Jacuruxi e vinculação hipotética dos tipos com as fases cerâmicas conhecidas para a região (modificado de LIMA, 2008).

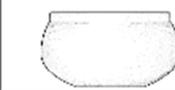
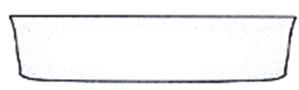
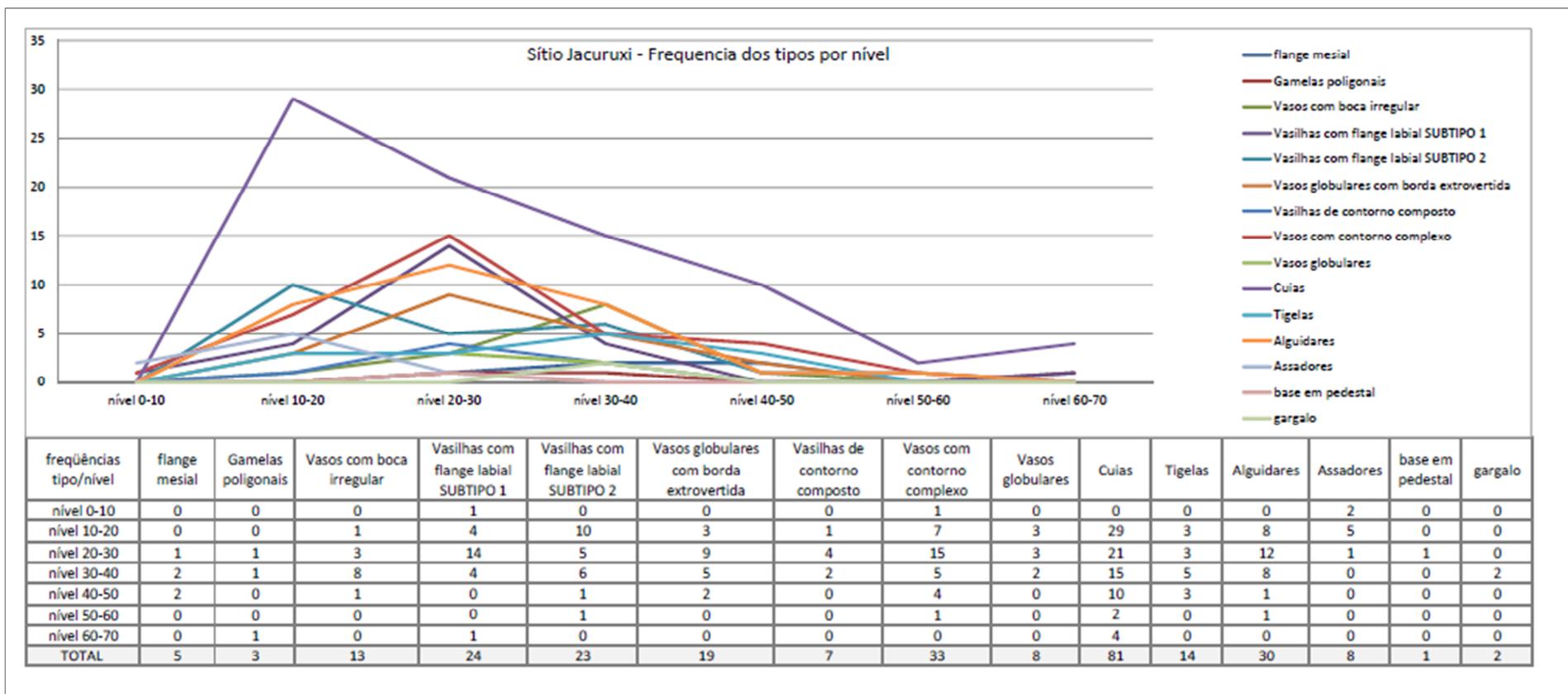
Categorias	Fases X Formas	
	Açutuba	Manacapuru
Tipos cerâmicos		
vasilhas com flange mesial		
gamelas poligonais		
vaso com boca irregular		
vasilhas com flange labial		
vasos globulares com borda extrovertida		
vasilhas restritivas de contorno composto		
vasos com contorno complexo		
vasos globulares		
cuias		
tigelas		
alguidares		
assadores		
cuia com pedestal		
gargalo		

Figura 5 - distribuição dos tipos ao longo da estratigrafia do sítio Jacuruxi.



A própria ausência da policromia na coleção poderia ser um indicativo de vinculação ao conjunto mais recente, já que esta é mais um elemento diagnóstico da fase Açutuba inexistente na fase Manacapuru. Como se pode ver na figura 5, não há fortes diferenciações estratigráficas entre os tipos o que dificulta, inclusive, uma tentativa de separação entre as fases. Como já visto, morfológicamente tal separação também é complicada, pelo compartilhamento de formas entre os conjuntos.

Notar, também, que outros tipos (os dois últimos) não se vinculam a nenhuma delas. Apesar de numericamente pouco significativos, os dois últimos tipos anteriormente mencionados (base em pedestal e gargalo) apresentam decorações com claras características dos conjuntos mais antigos Açutuba, como as excisões, ao mesmo tempo em que suas formas aproximam tais fragmentos das tipologias Paredão, muito mais recentes na cronologia local. Sendo assim, mesmo com sua baixa ocorrência, esses fragmentos ilustram o que este sítio representa: uma intermediação entre diferentes processos, seja a formação das terras pretas ou as tipologias cerâmicas previamente estabelecidas.

Por fim, o que nos levou a pensar ser a segunda hipótese a mais viável foi a distribuição das cerâmicas: todas associadas à terra preta e a não existência de diferenciações marcadas entre os conjuntos e os níveis estratigráficos, em um pacote cultural discreto, com uma espessura variando entre 15 e 20 cm e pouco denso. Dificilmente se poderia pensar em um contexto de reocupações por muitos séculos no local, dadas a homogeneidade tecnológica do conjunto, as características e localização do sítio, bem como a já mencionada distribuição das cerâmicas.

Em adição, as próprias datações radiocarbônicas obtidas para o sítio ficaram situadas num pequeno intervalo em torno do século VI d.C. Como se pode ver, as amostras datadas caracterizaram a ocupação de Jacuruxi como um evento bem discreto, situado num período intermediário entre as cronologias propostas para as fases Açutuba e Manacapuru.

Tabela 2 - Datações radiocarbônicas obtidas para o sítio Jacuruxi (fontes: LIMA, 2008; NEVES, 2012).

Número do Laboratório	Proveniência	Profundidade	C14 Datação (1 σ)
BETA 242441	N1001 E1180	21cm	1.500 \pm 40 BP
BETA 242442	N1000 E1003	35cm	1.580 \pm 40 BP

Vale lembrar que a segunda hipótese é plausível, uma vez que o conceito de fase não é normativo e fechado, e não se vincula diretamente a grupos étnicos ou linguísticos. Um mesmo grupo social pode dispor de diferenciações em sua cultura material da mesma maneira que diferentes grupos podem apresentar padronizações materiais.

A convivência espaço-temporal de diferentes fases cerâmicas é observável ao longo da história pré-colonial amazônica. Numa perspectiva normativa de fases cerâmicas, tais conclusões pareceriam confusas, mas como se pode

perceber, os limites materiais – observáveis entre uma e outra fase são extremamente fluidos. E isso não é uma particularidade destes dois conjuntos: a fluidez de limites é inerente aos conjuntos artefatuais amazônicos, uma vez que estes são intimamente conectados, histórica e culturalmente.

Assim, as análises realizadas no sítio Jacuruxi mostraram que não podemos nos ater às visões normativas dos conjuntos arqueológicos, mesmo quando nosso “olhar classificatório” tenha certa tendência a isso. As cerâmicas de Jacuruxi apresentam elementos comuns às fases Açutuba e Manacapuru, inserido dentro de um contexto de antropização incipiente da paisagem em diversos pontos do território Amazônico (NEVES *et al.*, 2014).

Cabe ressaltar que o Jacuruxi é um caso representativo, mas não único, de confluências estilísticas, cronológicas e contextuais entre as fases cerâmicas antigas na Amazônia central, conforme discutido em Lima (2008, 2014). Em uma escala mais ampla, problematizações de semelhante natureza se colocam para outras regiões amazônicas, como por exemplo, as relações ainda não claras entre as ocupações Saladóide e Barrancóide do baixo rio Orinoco (ver, por exemplo, ROOSEVELT, 1980; GASSÓN, 2002; ZUCCHI, 2002; BOOMERT, 2000; OLIVER, 2013).

Com isso aprendemos também que a abordagem analítica dialoga diretamente com o problema de pesquisa tratado, neste caso cronológico-cultural. Além disso, as possibilidades da análise se adequam também à amostra disponível. No caso estudado, abordagens funcionais não se mostraram capazes de atender às particularidades do conjunto analisado: um tanto fragmentada, a amostra teve pouquíssimos fragmentos com forma reconstituída, sendo o cálculo de volume totalmente inviável.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como Neves aponta, para a arqueologia da Amazônia central, as fases arqueológicas possuem valor heurístico quando são usadas como *ponto de partida* para organizar a variabilidade cultural, social, demográfica e política (2010:69, *grifo meu*). Ainda, ele nos alerta que devemos ter ciência de que “é inegável que o estudo da cultural material está no cerne da Arqueologia, mas por si só tal foco corre o risco de se tornar redundante, se não for acompanhado pelo entendimento do contexto no qual se depositam os objetos” (idem:68).

No caso aqui apresentado, a diferenciação entre fases distintas não foi possível apenas através da comparação entre os tipos cerâmicos (estes, como visto, se interpolam nas diferentes fases). Foi necessária a observação dos contextos, tanto deposicionais (por exemplo, a presença ou ausência das terras pretas), como estratigráficos e distribucionais. Feita desta forma, a análise cerâmica extrapola os limites informativos dos fragmentos ao colocar-se em diferentes esferas analíticas, desde suas características físicas e sua representatividade nas esferas local e regional.

Em âmbito local, Jacuruxi se mostra como um sítio cerâmico antigo situado na região de interflúvio dos dois grandes rios da região. Sua antiguidade (além das próprias características físicas do material) desafia nosso entendimento da

ocupação humana da região, cujos padrões sugeririam as ocupações ceramistas iniciais ao longo dos grandes rio (NEVES *et al.*, 2014).

Na análise procuramos compreender os artefatos ou certas categorias de atributos junto aos contextos a eles relacionados, almejando alguma compreensão sobre os significados da variabilidade dos conjuntos tratados em termos históricos. Se por um lado definiu-se a fase Açutuba e sua antiguidade em função da ausência de terras pretas em contextos a ela associados (LIMA *et al.*, 2006), por outro lado, Jacuruxi forneceu cerâmicas com características supostamente desta fase, mas numa matriz antrópica. As questões inicialmente colocadas frente ao sítio foram: será a Fase Açutuba mais recente do que se pensou a princípio? Serão os processos que levaram à formação das terras pretas mais antigos do que se supôs?

As análises cerâmicas aliadas a outros dados como as próprias datações radiocarbônicas obtidas para este contexto ajudaram a entender melhor as relações entre as fases Açutuba e Manacapuru, muito mais próximas do que anteriormente sugerido, bem como o alcance temporal dessas duas fases, já a ocupação de Jacuruxi se situou em um período intermediário entre as cronologias propostas para as duas fases.

O Jacuruxi parece mostrar que, tanto a formação das terras pretas como as relações entre Açutuba e Manacapuru se deram de um modo muito mais contínuo do que se imaginava. O sítio nos coloca no limiar do entendimento das significações das fases cerâmicas encontradas na Amazônia central. Apesar de não fugir das categorizações analíticas tradicionais, a análise cerâmica apresentada permitiu avanços no que diz respeito à história cultural da Amazônia central.

AGRADECIMENTOS

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP e Gasoduto Coari-Manaus – PETROBRAS, financiadores do estudo, à coordenação e equipe do Projeto Amazônia Central, vinculado ao Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, ao qual a pesquisa de doutorado que originou as bases para este artigo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARROYO-KALIN, M. 2012. Slash-Burn-and-Churn: Landscape History and Crop Cultivation in Pre-Columbian Amazonia. In: *Quaternary International*, nº 249, 2012. Pp. 4-18.
- BALÉE, W. 1994. *Footprints of the Forest*. New York: Columbia University.
- BALÉE, W.; ERICKSON, C. 2006. *Time and Complexity in Historical Ecology: Studies in Neotropical Lowlands*. New York: Columbia University.
- BARRETO, C. 2005. *Arte e Arqueologia na Amazônia Antiga*. Centre for Brazilian Studies, University of Oxford, Working Paper 66.
- BARRETO, C. 2009. *Meios místicos de reprodução social: arte e estilo na cerâmica funerária da Amazônia antiga*. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.

- BARRETO, C. 2013. Beyond pots and pans: ceramic record and context in pre-colonial Amazonia. Paper presented at the 78th Annual Meeting of the Society for American Archaeology, Honolulu, HI.
- BOOMERT, Arie. *Trinidad, Tobago and the Lower Orinoco Integration Sphere: an archaeological/ethnohistorical study*. Alkmaar: Cairi Publications, 2000.
- BINFORD, L. 1983. Organization and Formation Processes: Looking at curated Technologies. In: _____ . *Working at Archaeology*. New York: Academic, p. 269-286.
- BLEED, P. 2001. Artifice Constrained: What Determines Technological Choice? In: SCHIFFER, M. (Ed.). *Anthropological Perspectives on Technology*. Albuquerque: University of New Mexico.
- CABRAL, M. P.; SALDANHA, J. D. M. 2008. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. In: *Revista de Arqueologia*, 21: 09-26.
- CHILTON, E.. 1998. The Cultural Origins of Technical Choice: Unraveling Algonquian and Iroquian Ceramic Traditions in the Northeast. In: STARK, M. (Ed.). *The Archaeology of Social Boundaries*. Washington, D.C. Smithsonian Institution.
- COSTA, B. 2012. *Levantamento Arqueológico na Reserva de Desenvolvimento Sustentável (RDS) Amanã – Estado do Amazonas*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo. São Paulo. 161pp.
- DeBOER, W.; LATHRAP, D. 1979. The Making and Breaking of Shipibo-Conibo Ceramics. In: KRAMER, C. (Ed.), *Ethnoarchaeology: implications of ethnography for archaeology*. New York: Columbia University Press. p. 102-138.
- DeBOER, W.; KINTIGH, K.; ROSTOKER, A. 1996. Ceramic seriation and site reoccupation in Lowland South America. *Latin American Antiquity*, v. 7, n.3, p. 263-278.
- DIAS, A. 2003. *Sistemas de assentamento e estilo tecnológico: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- DIAS, A. 2007. Novas perguntas para um velho problema: escolhas tecnológicas. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Ciências Humanas, Belém, v.2, n.1, p.59-76.
- DIAS, A.; SILVA, F. 2001. Sistema tecnológico e estilo: As implicações desta inter-relação no estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, n. 11, p. 95-108.
- DUNNELL, R. C. 1986. Methodological Issues in Americanist Artifact Classification. In: *Advances in Archaeological Method and Theory*. Vol. 9, p. 149-207. Orlando: Academic Press.
- FORD, J. 1954. On the Concept of Types: The Type concept Revisited. *American Anthropologist*, New Series, v. 56, n. 1, p. 42-57.
- FORD, J. 1962. *Método cuantitativo para establecer cronologías culturales*. Washington, Unión Panamericana.
- GASSÓN, R. A. 2002. Orinoquia: The Archaeology of the Orinoco River Basin. *Journal of World Prehistory* 16(3): 237-311.
- GOMES, D. 2002. *Cerâmica arqueológica da Amazônia*. Vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP, São Paulo, Edusp/Fapesp/Imprensa Oficial do Estado, 355 p.
- GOMES, D. 2008. O uso social da cerâmica de Parauá, Santarém, Baixo Amazonas: uma análise funcional. In: *Arqueologia Sul-Americana* v. 4, n. 1.
- GOMES, D. 2010. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In: PEREIRA, E.; GUAPINDAIA, V. L.C. (Orgs.). *Arqueologia Amazônica*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, SECULT, IPHAN, v. 1, p. 213-234.
- HECKENBERGER, M. 2005. *The Ecology of Power: Culture, Place and Personhood in the Southern Amazon, AD 1000-2000*. New York: Routledge.

- HEGMON, M. 1992. Archaeological Research on Style. *Annual Review of Anthropology*, v. 21, p. 517-36.
- HILBERT, P.P. 1968. *Archäologisch Untersuchungen am Mittleren Amazonas*. Berlin, Dietrich Reimer Verlag.
- HOWARD, G.; OSGOOD, C. 1943. *An Archaeological Survey of Venezuela*. In: Yale University Publications in Anthropology, n. 27.
- JAIMES BETANCOURT, C. 2012. *La cerámica de la Loma Salvatierra*. La Paz: Ed. Plural.
- LEMONNIER, P. 1986. The Study of Material Culture Today: Towards an Anthropology of Technical Systems. *Journal of Anthropological Archaeology*, v. 5, p. 147-186.
- LEMONNIER, P. 1992. *Elements for an Anthropology of Technology*. University of Michigan, Museum of Anthropology, Anthropological Papers, n. 88. Ann Arbor: Michigan.
- LIMA, H. 2008. *História das Caretas: a Tradição Borda Incisa na Amazônia Central*. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo.
- LIMA, H. 2013. Variabilidade arqueológica e o estudo de fronteiras culturais na região do baixo rio Urubu. In: LIMA, H. (org.) *Fronteiras do Passado: aportes interdisciplinares sobre a arqueologia do baixo rio Urubu, médio Amazonas, Brasil*. Manaus: Museu Amazônico, EDUA (no prelo).
- LIMA, H. 2014. As cerâmicas Açutuba e Manacapuru da Amazônia central. Comunicação no *Simpósio Cerâmicas Arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese*. Belém.
- LIMA, H.; NEVES, E.; PETERSEN, J. 2006. A fase Açutuba: um novo complexo cerâmico na Amazônia central. In: *Arqueologia Sul-Americana* v. 2, n. 1.
- LIMA, H. P.; NEVES, E.G. 2011. Cerâmicas da Tradição Borda Incisa / Barrancóide na Amazônia Central. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 21, p.205-230.
- LIMA, M. 2014. *O rio Unini na arqueologia da bacia do rio Negro*. Dissertação (mestrado em arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- LIMA, T. A. 2011. Cultura material: a dimensão concreta das relações sociais. In: *Bol. Mus. Para. Emílio Goeldi. Cienc. Hum.*, Belém, v. 6, n. 1, p. 11-23, jan.- abr.
- LONEY, H. 2000. Society and Technological Control: a Critical Review of Models of Technological Change in Ceramic Studies. *American Antiquity*, v. 65, n. 4, p. 646-668.
- MACHADO, J. 2005-2006. O Potencial interpretativo das análises tecnológicas: um exemplo amazônico. In: *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 15-16: 87-111.
- MAUSS, M. 2003. As Técnicas do Corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify.
- MEGGERS, B. 1948. The Archaeology of the Amazon Basin. In: STEWARD, J. (Ed.) *Handbook of South American Indians. The Tropical Forest Tribes*. v. 3. Bulletin n. 143, Bureau of American ethnology. Washington, D.C.: Smithsonian Institution. p. 146-166.
- MEGGERS, B. 1954. Environmental Limitations on the Development of Culture. *American Anthropologist*, v. 56, p. 801-824.
- MEGGERS, B. 1990. Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Antropologia*, v. 6, n. 2, p. 183-203.
- MEGGERS, B.; EVANS, C. 1961. An experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest Area of South America. In: LOTHROP, S. (Ed.) *Essays in Precolumbian Art and Archaeology*. Cambridge, Harvard University.
- MEGGERS, B.; EVANS, C. 1970. *Como Interpretar a Linguagem da Cerâmica: Manual para Arqueólogos*. Washington, D.C.: Smithsonian Institution.

- MEGGERS, B.; EVANS, C. 1983. Lowland South America and the Antilles. In: JENNINGS, J. (Ed.) *Ancient South Americans*. San Francisco: W. H. Freeman.
- MORAES, C.P. 2007. *Levantamento arqueológico das áreas de entorno do Lago do Limão, município de Iranduba – AM*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.
- MORAES, C.P. 2013. *Amazônia ano 1000: territorialidade e conflito no tempo das chefias regionais*. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- NEVES, E.G. 2010. A Arqueologia da Amazônia Central e as Classificações na Arqueologia Amazônica. In: PEREIRA, E; GUAPINDAIA V. (Org.). *Arqueologia Amazônica*. Vol.2. Editora MPEG. Belém. Pp 54-72.
- NEVES, E.G. 2012. *Sob os Tempos do Equinócio: Oito Mil Anos de História na Amazônia Central (6.500 BC - 1500 DC)*. Tese de Livre Docência. Museu de Arqueologia e Etnologia. Universidade de São Paulo.
- NEVES, E. ; GUAPINDAIA, V.; LIMA, H.; COSTA, B.; GOMES, J. 2014. A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: *Memória do III Encontro de Arqueologia Amazônia (EIAA III)*. Quito.
- NEVES, E. ; PETERSEN, J.; BARTONE, R.; SILVA, C. 2003. Historical and Socio-cultural origins of Amazonian dark earths. In: LEHMANN, J., et al. (Eds.). *Amazonian Dark Earths: Origin, Properties, Management*. Dordrecht: Kluwer Academic, p. 1-45.
- OLIVER, J. R. 2013. Nuevos aportes a la arqueología del sitio el saladero, bajo Orinoco, Venezuela. Ponencia en el *3er Encuentro de Arqueología Amazónica*. Quito.
- OSGOOD, C.; HOWARD, G. D. 1943. *An Archeological Survey of Venezuela*. Yale Univ. Publ. Anthropology (New Haven), XXVII.
- PELLISSIER, C. 1991. The Anthropology of Teaching and Learning. *Annual Review of Anthropology*, v. 20, p. 75-95.
- PETERSEN, J.; NEVES, E.; HECKENBERGER, M. 2001. Gift from the past: Terra Preta and Prehistoric Amerindian Occupation in Amazonia, In: McEWAN, C.; BARRETO, C.; NEVES, E. (Eds.). *Unknown Amazon, Culture in Nature in Ancient Brazil*. London: British Museum.
- RAYMOND, J. 1995. From potsherds to pots: a first step in constructing cultural context from tropical forest archaeology. In: STAHL, P. (Ed.). *Archaeology in the lowland American Tropics: current analytical methods and applications*. Cambridge: Cambridge University, p. 224-242.
- ROOSEVELT, A. C. 1980. *Parmana: Prehistoric Maize and Manioc Subsistence along the Amazon and Orinoco*. New York: Academic Press.
- ROOSEVELT, A. C. 1991. *Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajó Island, Brazil*. San Diego: Academic Press.
- ROUSE, I. 1955. On the Correlation of Phases of Culture. In: *American Anthropologist*, New Series, Vol. 57, No. 4, p. 713-722, 1955.
- ROUSE, I. The Classification of Artifacts in Archaeology. *American Antiquity*, v. 25, n. 3, p. 313-323, 1960.
- SCHAAN, D. 1997. *A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara*. Dissertação (mestrado) Pós-Graduação em História (área de concentração arqueologia), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- SCHAAN, D. 2004. *The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajó Island, Brazilian Amazon*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Departamento de Antropologia. Pittsburgh: Universidade de Pittsburgh.

- SCHAAN, D. 2007. Uma Janela para a História Pré-colonial da Amazônia: Olhando Além - e apesar - das Fases e Tradições. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Ciências Humanas*, v. 2, n. 1, p. 77-89.
- SCHAAN, D., et al. 2010. Construindo paisagens como espaços sociais: o caso dos geoglifos do Acre, *Revista de Arqueologia* 23(1): 30-41.
- SCHIFFER, M. 2001. The Explanation of Long-Term Technological Change. In: *Anthropological Perspectives on Technology*. Albuquerque: University of New Mexico, 2001.
- SCHIFFER, M.; SKIBO, J. 1997. The explanation of Artifact Variability. *American Antiquity*, v. 62, n. 1, p. 27-50.
- SKIBO, J. 1992. *Pottery Function: a use alteration perspective*. New York: Plenum.
- SCHMIDT, M. 2010. *Reconstructing Tropical Nature: prehistoric and modern anthrosols in the Amazon rainforest, upper Xingu River, Brazil*. Tese de doutorado, Universidade da Florida, 2010.
- SCHMIDT, M. J., RAP P.A., MORAES, C. ; VALLE, R., CAROMANO, C., TEXEIRA, W.G., BARBOSA, C.A., FONSECA, J.A., MAGALHÃES, M.P., SANTOS, D., SILVA, R., GUAPINDAIA, V.L., MORAES, B., LIMA, H.P., NEVES, E.G., HECKENBERGER, M.J. 2014. Dark earths and the human built landscape in Amazonia: a widespread pattern of anthrosol formation. In : *Journal of Archaeological Science*. , v.42, p.152 - 165.
- SILVA, F. 2000. *As tecnologias e seus significados: um estudo da cerâmica Asurini do Xingu e da cestaria dos Kayapó-Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- TAMANAHARA, E. K. 2012. *A Tradição Policroma no Baixo e Médio rio Solimões*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia, Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo.
- TRIGGER, B. 1989. *A History of Archaeological Thought*. Cambridge: Cambridge University.
- VAN DEN BEL, M. 2009. The Palikur Potters: an ethnoarchaeological case study on the Palikur pottery tradition in French-Guiana and Amapá, Brazil. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, Belém, v. 4, n. 1, p. 39-56, jan.- abr.
- WILLEY, G.; PHILLIPS, P. 1958. *Method and Theory in American Archaeology*. Chicago: University of Chicago.
- WOODS, W.; McCANN, J. 1999. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths. In: *Yearbook, Conference of Latin Americanist Geographers*, v. 25, n. 7-14.
- ZUCCHI, A. 2002. A new model of the northern Arawakan expansion. In. *Comparative Arawakan Histories: Rethinking language family and Culture Area in Amazonia*. HILL, J. D.; SANTOS-GRANERO, F. (eds). Urbana and Chicago: University of Illinois Press, pp. 199-222.